

O latim como Língua Interdisciplinar

Latin as an Interdisciplinary Language

Amós Coêlho da Silva*

RESUMO

A linguagem é um objeto de análises diversificadas, com pontos de vista firmados a partir de pesquisas históricas que podem ser entre o sujeito e a linguagem, assim, se abrindo com a análise psicolinguística, em relação à sociedade e a linguagem, teremos sociolinguística. Cabe, pois, à competência de linguistas quais as necessidades de estudos escolares. A imprescindibilidade da inclusão do Latim na grade curricular escolar não apenas é pelo fato histórico de a língua portuguesa ser oriunda do latim, mas pela própria presença fonológica, morfológica, sintática, semântica, com justa razão defendida por professores, que se tornaram filólogos e lecionaram na fase escolar básica da formação do estudante brasileiro. Ao se examinar presenças intertextuais na estruturação gramatical e, dados os avanços linguísticos, hoje podemos indicar também o campo de estudos semiológicos como uma das razões inquestionáveis, como em alguns exemplos que abordaremos nas significações culturais do mundo biossocial. Significações culturais camufladas no dia a dia e manifestadas na estética artística e poética, cujas descobertas competem ao recurso interdisciplinar do estudo etimológico.

Palavras-chave: Latim; Português; intertextualidade; interdisciplinaridade; Etimologia.

Recebido em 9 de abril de 2020.

Aceito em 5 de junho de 2021.

DOI: <http://doi.org/10.18364/rc.2022n62.388>

* Universidade do Estado do Rio de Janeiro, amoscoelho@uol.com.br,
Orcid 0000-0003-0685-6259

ABSTRACT

The language is an object of diversified analysis, with points of view based on historical research that can be between the subject and language, thus, opening up with psycholinguistic analysis, in relation to society and language, we will have sociolinguistics. Therefore, the competence of linguists fits what the needs of school studies are. The necessity of including Latin in the school curriculum is not only due to the historical fact that the Portuguese language came from Latin, but also due to the phonological, morphological, syntactic, semantic presence, with just reason defended by teachers, who became philologists and they taught in the basic school phase of the formation of the Brazilian student. When examining some intertextual presences in the grammatical structuring e, given linguistic advances, today we can also indicate to the field of semiological studies as one of the unquestionable reasons, as in some examples that we will address in the cultural meanings of the biosocial world. Cultural meanings camouflaged on a daily basis and manifested in artistic and poetic aesthetics, whose discoveries compete with the interdisciplinary resource of etymological study.

Keywords: Latin; Portuguese; intertextuality; interdisciplinarity; Etymology.

Introdução

Justificamos a argumentação abaixo por via de mito da origem do conhecimento, citando aqui uma passagem das considerações *in* “Cassirer”, de Anatol Rosenfeld ao ensaio *Linguagem e Mito*, de Ernst Cassirer: “O termo conhecimento nela [= Filosofia da Formas Simbólicas] se define no amplo sentido de “apreensão” humana de “mundo”, apreensão nunca passiva, sempre mediada pela espontaneidade enformadora da mente humana.” (p.12)

Sabe-se o que a linguagem significa para o Homem na descoberta ou no vislumbre do real. Nas sociedades arcaicas e primitivas a palavra é um dom raro para o Homem, revestida de alto teor de simbolismo religioso e em cada povo a seu modo. Daí, exemplifique-se, brevemente, com episódios míticos, que demonstrem o alto grau da função simbólica na linguagem. Assim, temos o “fogo” ao invés da “palavra”, quando Zeus, dos homens, *ocultou o fogo*, ou seja, *a sua inteligência*, (Κρύψε δὲ πῦρ ‘krýpse de pyr’), em réplica a Prometeu, que o havia ludibriado, como é o testemunho de Hesíodo, *in* “Os

Trabalhos e os Dias”, v.50. E assim alhures, em um povo que nunca tivera contato com os helenos, destaquemos dele o termo iorubano axé, que se conceitua como “princípio e poder de realização: os elementos materiais e simbólicos que o contêm” (SANTOS: 2012, 40).

Ou, num terceiro exemplo, para que se corrobore este nosso entimema sobre a percepção imediata do “real”. Observe-se que já se tem estudo científico de nossa competência de que a nossa percepção do real é completa: “O *locus ceruleus* detecta em tempo real tudo que dói e tudo que é novidade.” (RIBEIRO: 2019: 203) Porém, na trajetória da experiência empírica do espaço até o ponto de decodificação no cérebro, pode ocorrer empecilho imprevisto, falta de alguma informação, por exemplo. De modo que, o “Fiat lux” (Ge. 1, 3), quer dizer, “Faça-se a luz”, sem dúvida, poderia ser interpretado como a competência de dar formas ou nomes às coisas; lemos assim, bem mais adiante, in Jo. 1, 14: “E o Verbo se fez carne , e habitou entre nós (e vimos Sua glória, como a glória do unigênito do Pai), cheio de graça e de verdade.”

A civilização romana, como se sabe, impôs a “Pax Romana” em quase toda a Europa. As leis de Roma incluem península ibérica, itálica, região dos Alpes, conquistou o Mediterrâneo, a Grã-Bretanha, numa luta geopolítica para impor suas leis. Daí a formação futura das línguas neolatinas. Era um latim distante de sua origem indo-europeia e que, por isso, perdera alguns traços linguísticos em comum, in *illum tempore, naquele tempo*, por exemplo, com sua irmã: o grego, mas que num reencontro histórico há de recuperar, a seu modo, como o disse Horácio (65 - 8 a.C.): *A Grécia subjugada superou o seu feroz vencedor / E introduziu as artes no agreste Lácio.*¹

Ficaram, no português, na constituição de um vocabulário erudito, bem clara a presença de radicais, prefixos e sufixos em quadros comparativos entre o latim e grego; leiam-se as realizações de cotejos em nossas gramáticas portuguesas, com a finalidade de proporcionar aos discentes um domínio

1 *Graecia capta ferum victorem cepit et artes / Intulit agresti Latio.* (Horácio, *Epístolas* 2, 1, 156)

de habilidades linguísticas nas suas interações sociais. Portanto, através de intensa intertextualidade, entre os poetas, historiadores e demais escritores romanos, se estabeleceram nas letras latinas o Teatro, a Filosofia, a História, a Filologia, a Gramática, a Retórica e demais realizações helênicas. Numa abundante aquisição latina, fixou-se uma helenização de Roma e, se configurou, em português, uma herança.

Um exemplo, presente em nossas gramáticas da língua portuguesa vem do poema *De Rerum Natura, Sobre a Natureza das Coisas*, de Lucrecio (s. I a.C.). Como um elo intertextual dessa corrente, que se apropria de elementos gregos e os torna, identitariamente, latino, notou que havia uma *rerum nouitatem, novidade de assunto* (*De rerum natura, I, 139*), entre os gregos, exigindo uma criação de neologismos em latim, para que se pudesse dar competência ao idioma do Lácio como tradutor do grego, superando a *egestatem linguae* (idem), *a pobreza da língua (latina)*; por isso, no seu esforço de expressão clara, recriou um novo item de processo de formação vocabular, compondo em latim uma nova forma, que contém numa única palavra uma estrutura frasal, como era comum entre os gregos, como nestes três exemplos do livro I: *squamigerum* (v.162) (squamirger= squama + ger – o que leva escama sobre si); *siluifragis* (v.275) (siluifragus= silua + frag-, o que quebra as árvores das florestas); *montiuagus* (v.403) (mons +vagus – o que percorre as montanhas); *frugiferentis* (v. 3), (frux, + fer-, produtor de legumes) etc. Por analogia, surgirá, por exemplo, naufragium (nau + fragus – nau quebrada), como forma vernácula, ou seja, sem ser estrangeirismo. Alguns nomes compostos de radicais em português conservam a disposição habitual da sintaxe clássica dos helenos e latinos, ou seja, uma posição de palavras diferente da leitura linear no português, além de, às vezes, preservar as desinências casuais latinas: jurisprudência (-is, *genitivo singular da terceira*), crucifixo (-i, *dativo singular da terceira*), Deodato (o primeiro –o, *dativo singular da segunda*), fidedigno (-e, *ablativo singular da quinta*), cuja leitura interpretativa se dá ao inverso, respectivamente: “saber científico das leis”, “dado a deus” e “digno de fé”.

Na modernidade, o uso de elementos gregos e latinos em outros idiomas modernos, neolatinos ou não, com finalidade de classificação científica de seres e objetos, ou como é o caso da nomenclatura nas descobertas científicas, como psicologia, sociologia, etc. O termo filologia, cunhado no mundo clássico, é, nos nossos dias, nome de disciplina universitária: Filologia Hebraica, Filologia Japonesa...

A distribuição da língua portuguesa no planeta é grande, graças às Grandes Navegações. De modo que o português crioulo deforma o português dos conquistadores e ocorre em populações de outros idiomas, que são mantidos como falar inferior em pontos geográficos da África, que ao Sul: o arquipélago de Cabo Verde e ao centro da costa africana, no Golfo de Guiné: ilha de São Tomé e ilha de Príncipe; da Ásia: Índia: Diu, Damão e Goa; da China: Macau e Timor. América, o português crioulo se escasseia “em certas zonas de população” (CÂMARA JR.: FALARES CRIoulos) entre grupos aculturados...

Os aspectos históricos se relacionam com os empréstimos linguísticos para o colonizador romano na Península Ibérica, como um saldo herdado de contas nas relações sociais. Escolhamos como guia a bússola didática de Wilton Cardoso e Celso Cunha, *Português através de Textos: Estilística e Gramática Histórica*. Ao se adotar um empréstimo, há uma acomodação linguística de acordo com a natureza do idioma latino. Neste caso, inicialmente, temos o latim arcaico, pois os autores mencionados começaram por expressões anteriores a configuração do português arcaico, ou seja, começaram quando ainda era o latim vulgar, retomando-o desde o século IV a.C. Os primeiros contatos do povo latino com estrangeiros acontecem com os gregos e com os outros povos, também residentes ali, os celtas, os fenícios: a Península Ibérica era ocupada por diversos invasores. Assim, temos hoje no português atual, expressões oriundas desde antigas expressões gregas, fenícias, celtas, ibéricas, propriamente ditas, assimiladas pelo latim popular, e, finalmente, transformado em português arcaico; deles, escolhemos três exemplos para ilustrar, como “farol, galé, guitarra (...)”, do grego, “carro, cerveja, gato”, do

celta e, do fenício, respectivamente: “saco, mapa e mata”. Eles se integram no “dicionário” do latim vulgar através da vogal temática, que é a forma de agrupar as palavras “dicionarizadas” em latim.

1. Vocabulário Românico

O termo saussuriano “sintagma” designa a reunião de elementos linguísticos mínimos numa nova unidade linguística superior, ou seja, é uma combinação de dados da língua para alcançar significados. A combinação lexical vai da palavra primitiva, que é a expressão linguística que não deriva de uma outra, para se desdobrar em derivadas; exemplifiquemos uma situação: o substantivo *honra* (sem sufixação derivacional), adjetivo *honrado* (com sufixo “-do”), verbo *honrar* (-r), *com honra* (ao invés de sufixação *-mente*, que também aqui poderia ser usado, empregou-se uma preposição). Com uso de preposição (ou em outras construções com o recurso linguístico conveniente), a expressão da linguagem passa a ser locucional.

O latim do povo adotou o sistema locucional em troca dos sintagmas latinos configurados pelos clássicos, que ordenam a frase com expressões sintéticas por causa das terminações gramaticais e, no latim dos autores clássicos, como Fedro (viveu desde a época de Augusto (63 a.C. - 14 d.C.) até a de Nero (37 - 68 d.C.) escreveria “Ad rivum eundem lupus et agnus venerant” tinha clara construção sintética, ou seja, preferência pela terminação número-casual, justamente pelo uso do caso acusativo “rivum” e “eundem” - aliás, a aplicação da preposição aqui na frase se deve ao verbo de movimento “*venire, vir*”, “deslocar-se de um lugar para o outro”.

O latim não tinha artigo definido ou indefinido. Esta é uma criação românica, desenvolvida da tendência à construção analítica do latim vulgar, no estágio em que se tornará um romance ou românico, que é a passagem do latim vulgar medieval para o português (Portugal); espanhol ou castelhano, fixado no centro da Ibéria, e aí também o catalão, estabelecido na área mediterrânea norte; no sudeste europeu o romeno, fixado nos Bálcãs, com

a designação de Romênia ou Rumânia; o italiano na Península Itálica; das antigas conquistas romanas das Gálias, ao sul, se fixou o provençal e, ao norte, o francês, ambos na França; ainda se reúnem como línguas românicas rético ou ladino (nos Alpes, já na fronteira com Suíça, Alemanha e França), sardo (ilha do Mediterrâneo entre a Ibéria e Itália), dálmata (ocuparam terras do norte do mar Adriático) - este desaparecido. Na França, predomina o francês, superando o provençal e o castelhano ou espanhol se superpõe ao catalão. “... o termo romance passou a ser aplicado a obras literárias medievais escritas numa língua românica, e não no latim.” (CÂMARA JR., S/D: ROMANCE). *Apud* Jacyntho Lins Brandão, *A Invenção do Romance*, o pesquisador Huet, evidencia que não é na Provença, ou na Espanha, que se deve pesquisar a origem do termo romance como obra literária, mas “é mister buscá-lo nos países mais longínquos & na Antiguidade mais remota.” (p.71)

Nosso artigo veio do pronome demonstrativo “illu-; illa-”, com a queda da nasal ‘-m’, marca geral de acusativo singular, mas mantendo “-s” do plural acusativo... O uso do artigo auxilia ao que a filologia denomina língua analítica: indica o gênero, então temos a coesão da concordância gramatical e a posição dentro da frase, portanto indica a função sintática. Manteve categoria gramatical da concordância, como “o lobo” - “o” indicativo do gênero masculino; numa frase portuguesa pode ser sujeito, note-se a posição na frase: “o lobo viu o cordeiro”; ou objeto direto: “o cordeiro viu o lobo”, mas alterou a noção morfológica de sujeito: em *lupus*, expressão que na frase só vem como sujeito (com elemento desinencial “-us” no fim, [em português, se preservou em “deus”]). Assim, em “Lupus agnum vidit”, “lupus” pode ocupar qualquer posição na oração sem qualquer erro na comunicação. O Prof. Mattoso Câmara foi um dos pioneiros na demonstração comparativa entre os morfemas, quanto ao significante, entre o latim e o português.

É preciso introduzir algum estudo de gramática latina na escola desde cedo. As crianças criam, espontaneamente, neologismos ou flexões inexistentes em nosso idioma, tais como “trazi / fazi / di...” por “trouxe / fiz / dei...”, o que significa, à luz da Ciência Linguística, uma prática de analogia e,

também, um corolário: essas crianças já estão inseridas na História interna do português. Sem clareza de consciência, a criança, mas como *homo sapiens*, depreende o Sistema Linguístico, eixo de possibilidades que abastece de dados a relação paradigmática da língua (no sentido de Eugênio Coseriu), em favor da Norma Linguística, uma abstração da estruturação linguística praticada pela comunidade. Assim, se “bater” forma o perfeito indicativo “bati”; “dever” – “devi” etc.; a quarta proporcional de “trazer, fazer e dar” (este último porque se “ler”, “ver” é “li”, “vi”, então, “dar” seria “di”) termina por se concretizar: “critérios devem presidir a uma competente política linguística: esboçar uma *deontologia* linguística como estudo da correção e da exemplaridade idiomática.” (BECHARA: Arquiteto de uma Linguística Integral da Linguagem, 20) Temos clara consciência da expressão do Prof. Bechara se referindo bem mais ao estilo dos hábitos elegantes de uma “classe social mais prestigiosa no País.” (CÂMARA JR.: NORMA) Porém, cabe aqui também quanto à política educacional do nosso País, que é demonstrar o latim por trás do português.

No curso histórico do português, é preciso se recorrer ao latim para se explicar formas fora de um padrão de conjugação. É isso que se dá com os verbos anômalos: “*ser* (reúne o concurso de dois radicais, os verbos latinos *sedēre* e *ēsse*) e *ir* (reúne o concurso de três radicais, os verbos latinos *ire*, *vadēre* e *ēsse*).” (Idem, Moderna Gramática Portuguesa: 226)

Portanto, a base gramatical, estrutural e histórica do nosso português atual veio do latim vulgar, mas ainda imbuído do flexionismo clássico. Inclusive da própria tendência do latim vulgar à língua analítica, isto é, a organização a expressão gramatical das frases através de flexões, em sentido estrito, ou seja, acrescer com recursos formais, como a concordância, para a palavra no contexto frasal. Tudo isso, em oposição à língua sintética do latim clássico, com construções linguísticas em desinências casuais, postas no final das palavras. Michel Bréal defende que as gramáticas das línguas buscam economia da linguagem na percepção da interação social das formas analíticas,

em oposição à estruturação de línguas sintéticas, que são complexas². Por exemplo, aponta o inglês, que é do ramo indo-europeu, ou seja, um irmão do latim, grego, alemão, sânscrito etc., demonstra forte preferência pela estruturação sintética: “O inglês não renunciou a seu genitivo, mas ele fez do expositor do genitivo um emprego de tal modo audacioso que obteve dele os mesmos resultados que se obteria de uma palavra independente.” (p.29) A conjugação indo-europeia, plena de flexionismo, na dialeção histórica do inglês se simplificou de tal modo que se trocam os pronomes pessoais, mas a forma verbal é a mesma, exceção é a indicação única do elemento “-s” ao final de um verbo conjugado na terceira pessoa. Assim, (I, you, we, you, they) do, e, he, she, it does... Não é o que ocorre em latim, que, ao contrário, dispensa até mesmo a presença do pronome sujeito e usa desinências número-pessoais na flexão para a comunicação.

Como o nosso propósito é ressaltar o fundamento do avanço nas pesquisas linguísticas, como uma pedra angular nos estudos escolares e, também do curso universitário de Letras - e até de Direito, quanto ao domínio da importância do latim, proponho uma visita ao pesquisador Mattoso Câmara, dentre outros, pouco lido atualmente no curso universitário. Mattoso abordou de Varrão (Marco Têrencio Varrão: 116 a 27 a.C) com seus estudos são tão importantes, haverá de ser citado pelos mais empenhados estudiosos das questões linguísticas: por Émile Benveniste (1902 a 1976), que balizou limites epistemológicos para abordagens etimológicas. Outro exemplo é o Professor Mattoso Câmara, introdutor dos assuntos linguísticos no Brasil e Portugal. No seu livro *Estrutura da Língua Portuguesa*, cita-o explicitamente, retomando o tema acima e afirmando que o *primeiro* (=declinação voluntária) *destinava-se a esclarecer o caráter fortuito e desconexo do processo. As palavras*

2 Só a título de ilustração, note-se que uma comunicação se reside apenas no plano fonológico de um ambiente mórfico, ou seja, expresso por desinência, como é a situação do latim clássico com suas desinências, a interação social na comunicação se rarefaz, dada a sutileza ou discrição do recurso: é justamente a articulação de segundo plano, calcada na fonologia, cujos elementos diferenciam, mas não denotam.

derivadas, com efeito, não obedecem a uma pauta sistemática e obrigatória... Exemplifica, demonstrando que não existe a quarta proporcional na derivação entre cantar e cantarolar e possibilidades idênticas para falar e gritar. Assim também, poderíamos afirmar que budismo admite a derivação budista, mas cristianismo não fecha a quarta proporcional. Mas a flexão apresenta obrigatoriedade e sistematização coerente, o adjetivo é “*naturalis*” no termo de Varrão. A descrição de Varrão é comparada a do moderno linguista Halliday, sendo declinação voluntária, um inventário comensurável apenas numa época, porque há possibilidades sempre crescentes, sinônimo de “*relações abertas*” (Halliday, 1962, 9) e declinação natural o equivalente de “*relações fechadas*” (...), (porque) “*a lista dos termos é exaustiva*”, “*cada termo exclui os demais*”.³

Esboçemos aqui um pequeno excurso do vocabulário do latim vulgar, que se apresenta muito pobre, na esteira de Wilton Cardoso e Celso Cunha. Eles nos apresentam elementos linguísticos da fase em que os antigos romanos ocuparam regiões da Península Ibérica, no século IV, por razões de guerra contra os gauleses, que são foram submetidos bem mais tarde por Júlio César (100 a 44 a.C.) vizinhos ao norte da Itália e dos Alpes. O latim sobrevive na Península Ibérica e se configura no vocabulário do português do dia a dia. Sendo assim, de quantas palavras necessitariam soldados romanos para a comunicação em suas vidas? O seu mundo se resume à sua família, às suas necessidade biológicas imediatas de alimentação, ações militares... basicamente. Evidentemente, de termos em relação às suas famílias, “partes de corpo, de nomes dos animais, de substâncias de uso comum, de uma ou outra qualidade, e de verbos que exprimem atos essenciais” (CARDOSO, Wilton e CUNHA, Celso: 135). Daí, temos palavras objetivas, e desse modo, um vocabulário reduzido, que não podemos dar uma cifra, isto é, indicar 100 ou duzentos nomes, devido à força da oralidade, que é extremamente volátil. Conforme nosso guia, temos a seguinte base: “*pater, mater, filium; manus, pedem, brachium. canis, capra, lupum. aqua, panis, vinum. bonus,*

3 CÂMARA JR., J. Mattoso. p.71-2

malus, tristis. comedere, bibere, dicere” (Idem, Ibidem) A propósito, note-se uma muita antiga e estreita relação social com os gregos, pois o latim não dispunha de construção silábica “-ch-” e, como nos ensina Festus, um antigo gramático romano, a palavra “brachium” é um empréstimo grego (ERNOUT e MELLEIT: BRAECCHIUM), como também o é “schola” (Idem, Ibidem: SCHOLA), termo presente em múltiplos países ocidentais.

Essa observação cabe a quem estuda inglês: quando o “-ch-” foi empréstimo latino ao grego, o falante inglês pronunciará “/k/”, como é “school”. Já se discutiram as assimilações de elementos gregos na língua latina, no entanto, registre-se de outro modo: o latim funciona como espelho da cultura grega, a seu modo, com refrações da imagem da linguagem grega. Por exemplo, tomou emprestado o seu alfabeto, mas não foi diretamente à fonte helênica. Outrora, o fizera através dos etruscos. É por isso mesmo, que o deformou tanto. Porque o assimilou através de terceiros, porém, em compensação o tornou praticamente universal no Ocidente.

A formação do português e do espanhol se prende ao tempo da República romana, como nos observou Sílvio Elia no Capítulo 5, intitulado “O Latim Vulgar Hispânico”. O conservadorismo deste latim hispânico é fruto de uma romanização incorporada muito cedo: uma estratégia geopolítica de defesa militar dos antigos romanos, ou seja, a ocupação de um ponto estratégico. As características do latim vulgar são ancestrais, cujos estudos se fundamentam em inscrições, como os grafitos ou grafites de paredes de Pompeia, em obras literárias que incluem expressões populares, como as comédias plautinas, o *Satiricon*, de Petrônio (I d.C.), *O Asno de Ouro*, de Apuleio (II d.C.), tratado de arquitetura de Vitruvius (IV d.C.), no *Appedix Probi*, no *Apêndice de Probo* (III ou IV d.C.), que era uma lista de comparações entre o latim falado com o latim clássico com o objetivo de indicar como se deve falar em latim, na *Peregrinatio ad loca sancta*, *A viagem às terras santas*, de Sílvia ou Etéria (IV d.C.) (CÂMARA JR.; LATIM)

No entanto, o latim vulgar conviveu com o latim cristão, como se percebe, principalmente, no vocabulário. Quando, na Península Ibérica, os soldados romanos foram vencidos pelos convertidos bárbaros aos cristianismo,

estes antigos subalternos cristãos dominados pelos romanos, que adotaram desde outrora o latim como idioma de comunicação, se tornaram um escudo contra o novo dono da Península Ibérica: os árabes. A população românica desta Península se dividiu. Os moçárabes, que se adaptaram aos vencedores mouros, que chamavam de aljama o seu modo de falar. A sobrevivência do latim hispânico, como superação aos invasores árabes, encontrará grande respaldo na fé cristã, conservada pelos moçárabes. Cerca de oito séculos de dominação árabe. daí novos empréstimos: os arabismos. Todos adaptados a estruturação fonológica e morfológica latina. Uma marca ficou registrada no romance ibérico: o artigo árabe “al”, seja justaposto: como em “algodão, alfazema, álcool”, seja aglutinado: como em “açúcar, azeite, açafraão”. Enfim, o nome de nosso idioma, o português, provém de uma antiga formação da região do Porto, região ao norte, *Portu Cale*, sendo *Cale* “era povoação junto do Douro, de origem obscura, talvez celta.” (MACHADO: Portugal), aglutinado tornou-se Portugal.

2. Latim Clássico

Enfatize-se ainda, como também o faz a nossa fonte, Wilton Cardoso e Celso Cunha, que havia entre os colonizadores romanos da Península Ibérica uma restrição absoluta “à vida contingente” (Idem, ibidem). Foi desse modo que perdemos para a primeira formação do português expressões como “discere, pulcher, potare, os, equus, felis, domus, ager, magnus, ludus, parca, edere” (Idem, ibidem). É interessante definir o olhar renascentista para esta situação: eles relatinizaram o português, ou seja, reintroduziram a partir do Quinhentismo de Sá de Miranda (1481 - 1568) na comunicação este vocabulário e muitos deles não são mais observados como um termo erudito, dada a circulação intensa na oralidade, há quem os denomine de “semi-erudito” (CÂMARA JR., S/D: ERUDITOS)

Na expressão de Leodegário A. de Azevedo Filho (“A Lírica de Camões e a Relatinização do Português Quinhentista”):

a relatinização da língua literária da época é a base do português moderno, tudo isso ocorrendo no século de Quinhentos, literariamente marcado pela estética da identidade, já que os escritores partiam de modelos latinos, por eles descoficados, para a conseqüente recodificação em português, num processo de recriação literária mais ou menos comum em todos os domínios românicos.

Com isso, uma outra possibilidade de uma renovação e ampliação de nosso vocabulário: sufixação, prefixação e composição com radicais gregos e latinos, um vasto capítulo à parte nas gramáticas portuguesas. Há uma urgência em ampliar intensamente o dicionário português. Já se ultrapassou cerca de 400.000 verbetes, como alguns pesquisadores andaram contabilizando em novos dicionários lançados após o ano 2000. Esta ampliação vocabular não se restringe apenas a empréstimos no contato entre os idiomas, mas também à desenvoltura do uso prefixal e sufixal, pois um elemento latino reintroduzido em português, como “-pel-” / “-puls-”, *impelir*, que vem de “pello, pellis, pellere, pepuli, pulsum: impelir” associado à prefixação e sufixação proporciona “n” neologismos, como “propulsão” (1788)⁴, derivado, pois, de “propulsar” (1672) - pela distância das duas datas, logo se vê a necessidade de completude como ferramenta gramatical no prefixo. E o que proporciona isso? É um preenchimento latino, aliás com termos que nem existiam no próprio latim.

Na evolução das preposições latinas para o português, houve uma diminuição do seu número para dezessete em português. No Latim Clássico, as preposições atuavam também como prefixos, com a relatinização portuguesa recuperamos uma parte da perda na forma de prefixos. O uso destes afixos se dá no início do vocábulo e pode ocorrer alteração no radical: per + meter (do latim, mittere) > permitir (porque fora formada no próprio latim: permittere) ou no prefixo: in + legal > ilegal, etc. Os prefixos são antigas preposições e advérbios do grego e do latim e denotavam movimento e situação no tempo e espaço. Apresentam-se bastante econômico para memorizar, conforme já

4 Utilizaremos o Houaiss eletrônico de 2009 na indicação de datação.

se lê no Celso Cunha & Lindley Cintra (CONTEÚDO SIGNIFICATIVO FUNDAMENTAL: 572), a lista com nossa simplificação que se completa com os de negação: *in*-⁵, *des*- e *an*-. Ainda sobre o prefixo *in*-, o Prof. Evanildo Bechara preenche uma observação importante: “O prefixo *in*- literário e erudito, ao contrário de *des*- popular, ganhou por isso certa cortesia e polidez, e constitui em neologismos, um recurso de eufemismos que cada vez mais se generaliza: *inverdade* (por *mentira*), *inexato*, *indelicado* (...)” (Id., ib., 369)

SIGNIFICAÇÃO BÁSICA

MOVIMENTO ESPAÇO-TEMPO	SITUAÇÃO ESPAÇO-TEMPO
Quanto ao <i>movimento</i> temos, por exemplo: 1. para frente: <i>projetar</i> , <i>progredir</i> , <i>projeto</i> ... 2. para trás: <i>retroceder</i> , <i>regredir</i> , <i>rever</i> ... 3. para dentro: <i>importar</i> , <i>introjetar</i> ; 4. para fora: <i>exportar</i> , <i>extrair</i> , por exemplo. 5. para baixo: <i>decair</i> , <i>catarata</i> ... 6. para o lado: <i>adjacente</i> , <i>parabólico</i> etc.	Quanto à <i>situação</i> , por exemplo: 1. dentro: <i>intramuscular</i> , <i>introspectivo</i> ; 2. fora: <i>extraordinário</i> ; 3. embaixo: <i>subsolo</i> , <i>subchefe</i> ; 4. em cima: <i>superposição</i> , <i>supercílio</i> ; 5. contrária: <i>contraveneno</i> , <i>antipático</i> ; 6. dos dois lados: <i>ambidestro</i> , <i>anfíbio</i> , etc. 7. anterioridade: <i>prólogo</i> , <i>profeta</i> etc. - NEGAÇÃO: <i>infiel</i> , <i>desleal</i> , <i>ateu</i> ...

Houve formas derivadas no nosso vernáculo histórico do português literário das seguintes, que não eram faladas assiduamente pelo povo: *domus*,

5 Ovídio, com outros poetas, num momento áureo da Língua Latina, criou a significação nomenclonal de negação para o uso da prefixação com “in-”. Eis um sentido inédito de negação: *L’usage de in- privatif s’est particulièrement développé dans la latinité imperial (dans Ovide seul, on compt comme neologismes ‘incommendatus’ (desrespeitado, ultrajado), ‘inconsumptus’ (não consumido, eterno), ‘incustoditus’ (desprovido de guarda) (etc.) (ERNOUT, A. & MEILLET, A., 1985: 311)*

equus, bellum, ludus – domicílio, doméstico, domar etc.; equino, equitação etc.; bélico, belonave, rebelar, debelar etc.; lúdico, ludismo, ludibriar etc. E mais: não teríamos a recondução ao modelo latino de: *abundância* (em latim: *abundantia*) por *avondança, estimar* (em latim: *aestimare*) por *esmar; formoso* (em latim: *formosus*) por *fremoso; martírio* (do grego ‘*martýrion*’ pelo latim: *martyrium, ii*) ao invés de *marteiro*.

Sergio Corrêa da Costa pesquisou recentemente que língua, na era da globalização, teria mais possibilidade influenciar os outros idiomas, dadas as interlocuções comercial e política entre elas. O francês vem em primeiro lugar, o inglês em segundo e em terceiro está o latim. O inglês, que está em segundo lugar, possuía outrora, como já se comentou acima, um complexo flexionismo, idêntico ao latim, mas se tornou uma língua sintética na modernidade, porém, dispõe não só de sessenta por cento de seu vocabulário de empréstimo de palavras ao latim, como até de empréstimos gramaticais latinos. Ora, sendo o latim um idioma não falado por nenhum povo, como poderia se posicionar em terceiro lugar e se destacar num capítulo, intitulado por ele, como “Não perca o seu latim” - uma intertextualidade com Paulo Rónai, que escreveu um livro com este título. Em Paulo Rónai, interpretamos como um apelo às autoridades, principalmente no Brasil, que minimizaram, ou até mesmo abandonaram, o estudo do latim na grade curricular.

3. Nos interstícios do simbolismo literário

O estudo de latim se impõe como necessidade também no plano histórico, para que o cidadão compreenda como se configurou o nosso planeta historicamente. Assim, dadas as invasões de povos submetidos outrora pelos romanos, visigodos, alanos, suevos etc., o Império Romano se instalará em Constantinopla, fundando o novo Império Bizantino, Istambul da atual Turquia, a partir do Imperador Constantino. Mas o que isso tem a ver com o português, por exemplo, no caso de um espectador do filme épico Ben Hur.

Voltemos, pois, à relatinização. O Latim Erudito dos nobres romanos como a lemos no atual dicionário, que está repleto de relatinizações, como as derivações do étimo mórfico “equ-” (cavalo): *equitação, equino etc.* Sabe-se que possuir um cavalo puro sangue é ser um cidadão rico. Ora, os poetas, consciente ou inconscientemente, descobrem o véu do tempo, como no termo “*equus*”, fora de moda na oralidade ativa do latim popular, mas para um poeta como Lewis Wallace (1827 – 1905), já mencionado no artigo “LITERATURA E ENSINO DE LÍNGUA”, (Rev. FSA, Teresina PI, v. 17, n. 2, art. 12, p. 225-236, fev. 2020), redescobre e revela o simbolismo estético que se oculta numa memória coletiva. A narrativa deste romance, *Ben-Hur: A Tale of the Christ, Ben-Hur: uma História dos Tempos de Cristo*, de Wallace, trata da superação de uma “prova iniciática” de Ben Hur contra os despropósitos de Messala, militar romano, mas que fora como irmão de Ben Hur, outrora na infância.

Este é o significado da vitória de Ben Hur, que era judeu, na corrida de cavalos contra Messala, general romano. Como afirmei lá: “Poderia ser a insubordinação dos judeus que nunca se submeteram ao militarismo do dominador romano.”

Em José de Alencar, que também palmilhou a etimologia, enriquecendo esteticamente o seu romance *Iracema* - como já observamos consciente ou inconscientemente, nos relata que o nome Irapuã, proveniente de *Ira* (mel) e *puã* (redondo, cf. o formato da colmeia), o que, filologicamente, entre os antigos gramáticos romanos é um princípio estóico dos filósofos gregos, orientador dos estudos etimológicos, cuja denominação é *katà antiphrasin*, isto é, a designação de algo por um nome oposto. O gramático romano Élio Estilão (fim do século II a.C.) o trouxe para seus trabalhos latinos, conforme estudos de Francesco Della Corte se denomina *per imagine contraria, por trocadilho*, como fez Élio nos seus fragmentos *...bellum quod res bella non sit...*(guerra <em latim, *bellum*> porque não é uma coisa bela < em latim, *bella* >, ou seja, homonímia daquele vocábulo “*bellus*, a, um”, provando a etimologia com um trocadilho. Mas Irapuã não é um pote de mel! Ao contrário, é um amargo rival de Martim.

O nosso dicionário português possui termos enriquecidos por autores nacionais como Machado de Assis, Raimundo Correia com palavras novas ou significados novos, como, respectivamente, “casmurro”, “azul da adolescência”, este sentido de “azul” nem foi ainda dicionarizado nos consultados por mim, como o Houaiss, Aurélio Buarque e Caldas Aulete... Em Aluísio Azevedo, lemos: “o que aconteceu com Pombinha, a gente de “O Cortiço” fará com a filha do Jerônimo⁶: *Crismaram-na logo com o cognome de “Senhorinha”*. (p. 131, capítulo 19). Primeiramente, para ambas, o sufixo “-inha”, como indicação de afetividade. Em segundo, numa consulta ao Dicionário de Símbolos, lê-se que “Pomba” tem um simbolismo na cultura pagã e outra na cristã, que é a “Pomba” do Espírito Santos; tudo de acordo com a construção poética, cuja enunciação está estampada no primeiro surgimento de Pombinha diante do leitor, no capítulo VI: uma menina que não tinha se tornado mulher, porque ficara menstruada aos dezoito anos; por isso mesmo sua mãe, D. Isabel, não admitiu seu casamento com o João da Costa e, neste momento, o Autor destaca seu vestido, uma roupa da missa - como outrora tínhamos o hábito separar a melhor de nossas roupas para isto - e empunhando o livro de reza. É claro que “Senhorinha” seria o grau de pureza de Nossa Senhora, mãe de Jesus.

Poetas estrangeiros também. Como de Balzac, nos veio balzaquiana... Assim, não só o simbolismo estético, como temos neste romance *La femme de trente ans (A mulher de trinta anos)*, em que o nome do escritor se apresenta na derivação sufixal como as demais estruturas etimológicas latinas, como ainda muitos fragmentos de expressões em latim, quer dizer, os latinismos, estão em ordem alfabética em nosso dicionário.

6 Estamos deixando de nos referir às múltiplas escolhas autorais pela estética de emblematizar no nome da personagem, como Piedade, a esposa de Jerônimo (‘hiéros’ + ‘ônimos’ = nome sagrado) a ação dramática, com introjeção nas entrelinhas literárias, o que já praticado desde Homero...

Conclusão

Que se busque o latim incrustado no mais recôndito da língua portuguesa, porque nascemos inseridos nele historicamente, como se procurou evidenciar naquela competência coseriana mais acima. A evidência infantil de vislumbrar elementos desinenciais do verbo em formas hipotéticas, como “trazi, fazi, di”, por trouxe, fiz e dei, numa clara depreensão do quadro de flexionismo verbal, é que indagamos: não cabe ao professor algum recurso ao lúdico para se estudar certas abstrações gramaticais? Como recurso ao lúdico, compreenda-se a escolha de textos e jogos criativos quaisquer.

Os cursos de Letras não poderiam ter mais um pouco de latim, se eles chegassem à universidade mais providos em sua jornada estudantil fundamental? Será que estudar Cícero, Júlio César, Vergílio é ser um erudito? Como é que eles leem Shakespeare, Bernard Shaw, cujas tragédias são sobre a tensão dramática da era ciceroniana? E as intertextualidades machadianas que se calcam em tantos latinismos?

Para que o curso de Direito reivindicaria mais profundidade em latim? O latim para um curso de Direito só deve existir em universidade pública? Como se explica a demanda de edições de brocados pelas livrarias? Embora elas estejam situação econômica delicada, no entanto, sobrevivendo através de livrarias virtuais, elas são suficientes? Maurício Sartori Resende e Márlio Aguiar escreveram sobre “‘latim jurídico’, isto é, um conjunto de máximas, brocados, termos técnicos e jargões das práticas discursivas forenses” (O latim no Direito: do latim jurídico ao latim das Letras e das Ciências Humanas, 56) e defendem um intenso diálogo entre a cultura clássica e o Direito e este é o seu parecer: “tornar mais visíveis os possíveis diálogos do Direito com a própria área de Letras.” (AGUIAR e RESENDE: 69)

Foram encetadas várias traduções de latim para o inglês nos Estados Unidos neste século XXI. Um dos autores mais revisitado foi Cícero, porque aglutinou em sua vida e carreira jurídica toda a tensão dramática dos perigos que ameaçaram a República de Roma. As traduções têm o claro escopo

educativo, já que os títulos nos pareceram emblemáticos disso: “How to Grow Old: Ancient Wisdom for the Second Half of Life”, “Como envelhecer: Antigo manual para a segunda metade da vida” (2016), “How to Be a Friend: An Ancient Guide to True Friendship.” “Como ser um amigo: Um Antigo Guia para Verdadeira Amizade” (2018), “How to Win an Argument: An Ancient Guide to the Art of Persuasion”, “Como vencer um argumento: Um antigo guia para a arte de persuasão” (2016) etc. Este último, que reúne as teorias ciceronianas sobre retórica e múltiplas defesas suas no tribunal, deveria ser estudado pelos advogados também. Cícero diria *Sed quid opus est plura? Mas que necessidade há de mais?*, como o fez quando escreveu *De Senectute*, 3.

Referências

AGUIAR, Márlio e RESENDE, Maurício S. O latim no Direito: do latim jurídico ao latim das Letras e das Ciências Humanas. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.26, n.46, p.54-71, jan./abr. 2019.

AZEVEDO, ALUÍSIO Tancredo Gonçalves. **O Cortiço**. Rio de Janeiro: EDIOURO, s/d.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

_____. Arquiteto de uma Linguística Integral da Linguagem. **Confluência** - Revista do Instituto de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: 25 e 26 - 1º. e 2º. semestres de 2003.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral**. São Paulo: Pontes. Vols. I e II.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução e edição autorizada da Bíblia-Valera 1997 (BV897).

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1986. 3 v.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. **A Invenção do Romance**. Brasília: Universidade de Brasília, 2005.

BRÉAL, Michel. **Ensaio Semânticos**. Tradução de Aída Ferrás *et alii*. São Paulo: EDUC, 1992.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de Filologia e Gramática**. Rio de Janeiro: J. Ozon, s/d.

____. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Tradução de Anthony J. Naro. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CARDOSO, Wilton e CUNHA, Celso. **Português através de Textos: Estilística e Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

CASSIRER, Ernst. **Antropologia Filosófica: Ensaio sobre o Homem. Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana**. Tr. de V. F. de Queiroz. São Paulo: Mestre Jou: 1977.

____. **Linguagem e Mito**. Tradução de J. Guinsburg e M. Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. Tradução de Vera da Costa e Silva *et alii*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

COSTA, Sérgio Corrêa da. **Palavras sem Fronteiras**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

DELLA CORTE, Francesco. **La Filologia Latine Dalle Origini a Varrone**. Firenze : La Nuova Italia, 1981.

ERNOUT, A. & MEILLET, A. **Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine – Histoire des Mots**. Paris: Klincksieck, 1985.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em Prosa Moderna**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

HESÍODO, **Os Trabalhos e os Dias**. Tradução, introdução e comentários de Mary de C. Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1996.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa**. Lisboa: Confluência, s/d.

RIBEIRO, Manoel Pinto. **Gramática Aplicada da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Metáfora, 2002.

RIBEIRO, Sidarta. **O Oráculo da Noite: A Histórica e a Ciência do Sonho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nãgô e a Morte: Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia**. Tradução pela Universidade Federal da Bahia. Petrópolis: Vozes, 2012.

SILVEIRA, Olmar Guterres da. **A obra de Olmar Guterres da Silveira**. Organização de Horácio Rolim de Freitas. Rio de Janeiro: H. Rolim de Freitas, 1996.

SILVEIRA, Sousa da. **Lições de Português: estudo prévio de maximiano de Carvalho e Silva**. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

SUASSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de A. Cherlini, José Paulo Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, MCMLXXVII.